

Mapas da Memória:
Construir um arquivo poético com a comunidade



Catálogo da exposição integrada no projeto MAPAS DA MEMÓRIA, financiado no âmbito do Plano de Resolução e Resiliência – “Comunidades em Ação” e para a Operação Integrada Local Santa Iria de Azóia São João da Talha e Bobadela (OILSSB).

Dezembro de 2025,11 a fevereiro de 2026, 28.



Integrado no Plano de Recuperação e Resiliência – Comunidades em Ação, no âmbito da Operação Integrada Local de Santa Iria de Azóia, São João da Talha e Bobadela, o projeto "Laboratórios de Experimentação Artística: Arte, Património e Literacias – Residências Artísticas | Mapas da Memória" teve como objetivo o mapeamento da memória social do trabalho e do lazer, através da recolha de documentação, testemunhos e imagens da população local.

Realizado pela Escola Superior de Educação de Lisboa (entidade parceira) e pelo Município de Loures (entidade gestora), com a colaboração da União de Freguesias de Santa Iria de Azóia, São João da Talha e Bobadela, da Associação Cultural e Recreativa Bairros Maroitas e Cachoeiras e da Escola Básica Fernando Pessoa, o projeto resulta agora numa exposição que a Galeria Municipal do Castelo de Pirescouse acolhe, em Santa Iria de Azóia, entre 11 de dezembro e 28 de fevereiro.

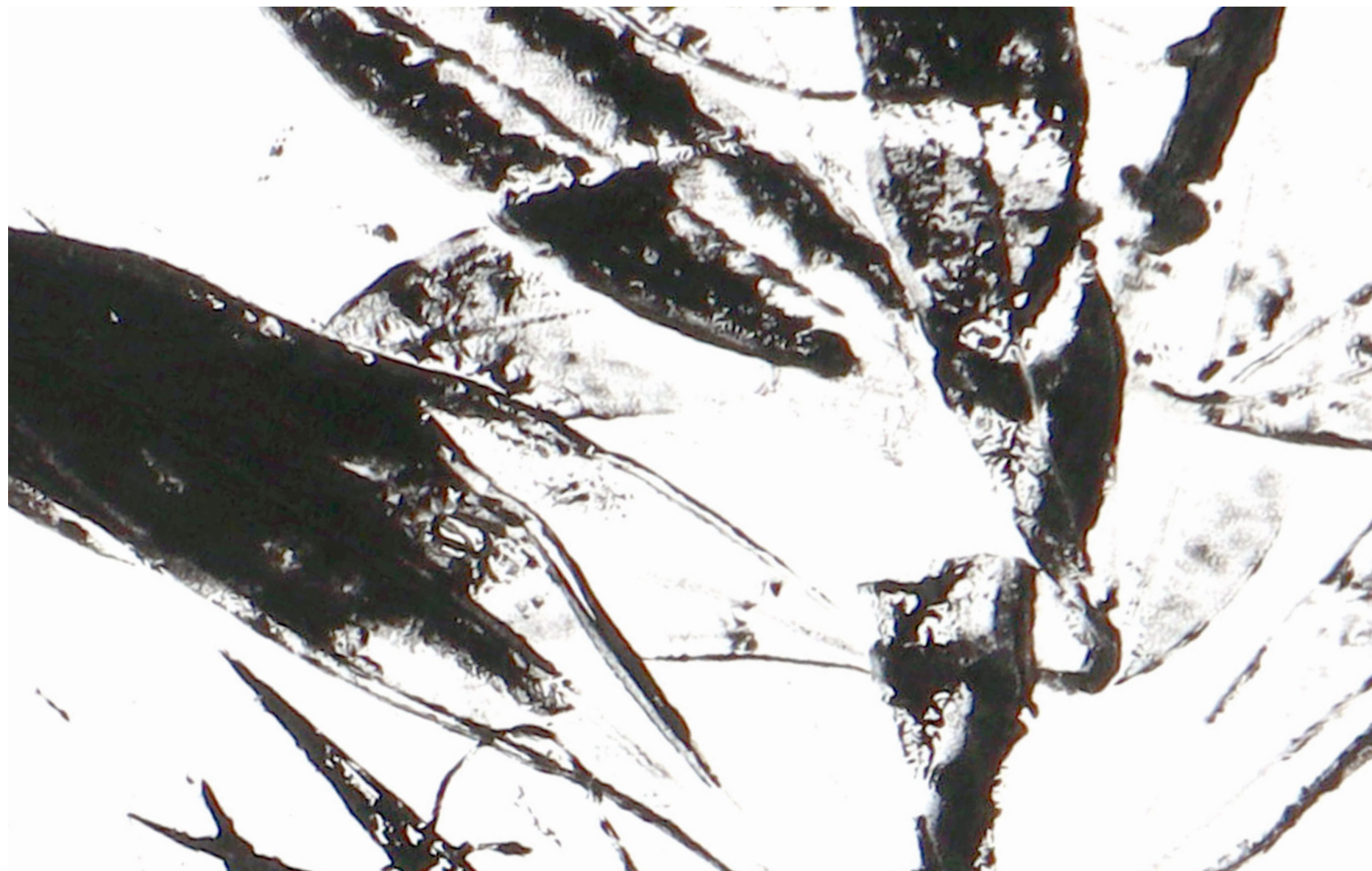
A informação reunida ao longo de cerca de dois anos — através de entrevistas, recolha de objetos e realização de workshops — constituiu-se como matéria-prima para a concretização da presente exposição. Esta promove uma reflexão sobre a realidade local e sobre a incorporação de práticas artísticas no quotidiano, resultando num trabalho colaborativo e representativo da memória intersubjetiva desta comunidade.

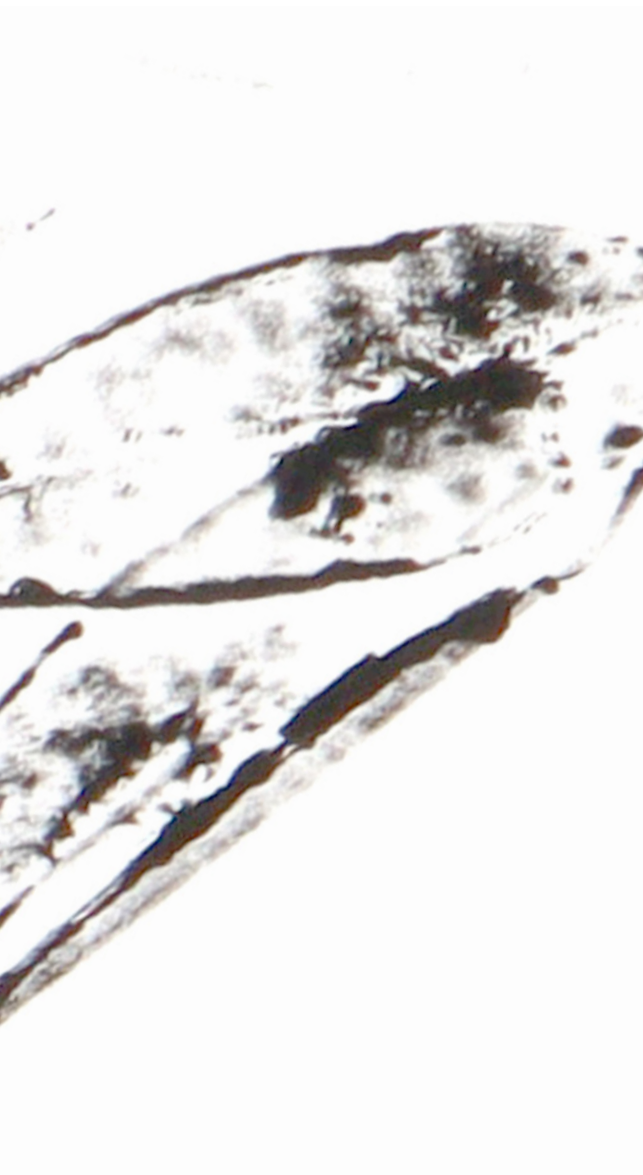
A exposição que hoje abre portas é, assim, um testemunho de uma história que se pretende preservar e que terá reflexo nas comunidades vindouras.

Sejam bem-vindos/as!

A Vice-Presidente da Câmara Municipal de Loures







Agradecimentos

A equipa de investigação do projeto MAPAS DA MEMÓRIA gostaria de expressar um agradecimento a todos aqueles que com o seu envolvimento, o seu trabalho e o seu tempo contribuíram para a concretização do projeto.

Neste sentido o nosso agradecimento:

À Câmara Municipal de Loures pelo desafio lançado no âmbito da candidatura ao PRR para integrar a proposta de criação de Laboratórios de Experimentação Artística e à equipa que acompanhou o desenvolvimento das atividades.

À ESELx pelo acolhimento da proposta e pelo apoio administrativo e institucional prestados, sem os quais não teria sido possível o desenvolvimento do projeto.

Às professoras Ana Cláudia Reis, Ana Maria Teixeira, Carla Martins, Cristina Pirralho, Maria Helena Loureiro, Sónia Duarte e à equipa de assistentes operacionais Ana Cláudia Louro, Ana Cristina Ramos, Ana Paula Teixeira, Andreia Gonçalves, Carla Borges e Diana Neves da Escola Básica de 1º Ciclo do Ensino Básico Fernando Pessoa, pelo acolhimento proporcionado ao projeto, a colaboração e a simpatia demonstradas durante o curso dos workshops.

Às crianças que frequentam a escola e aos seus familiares que, com o entusiasmo da sua participação e a partilha de memória, tornaram possível o desenvolvimento das práticas artísticas colaborativas propostas.

À Associação Cultural e Recreativa Bairros Maroitas e Cachoeiras, nas pessoas do seu presidente Luis Esperança e dos membros do "Grupo das Concertinas" que possibilitaram o levantamento da documentação audiovisual do estudo.

Ficha Técnica

As normas ortográficas seguidas em cada texto respeitam as opções dos autores.

Coordenação, Edição e Textos

Teresa Matos Pereira

Design e Paginação

Sandra Antunes

Créditos das Fotografias

Joana Gaudêncio Matos
Sandra Pereira Antunes
Teresa Matos Pereira
e Câmara Municipal de Loures.

ISBN: 978-989-8912-28-2

Depósito Legal: 556973/25

Impressão

GTO2000 - SOCIEDADE DE ARTES GRÁFICAS, LDA
1ª edição, 1ª tiragem 200 exemplares

© 2025 do texto e das imagens as suas autoras.

Todos os direitos reservados. Salvo o previsto na lei, não é permitida a reprodução total ou parcial deste livro que ultrapasse o permitido pelo Código de Direito de Autor, como a sua recompilação em sistema informático, nem a sua transformação por meios electrónicos, mecânicos, por fotocópias, por registo ou por outros métodos presentes ou futuros, mediante qualquer meio para usos lucrativos ou privados, sem a autorização dos titulares do copyright e do autor que detém a propriedade intelectual da obra.

Equipa

Coordenação do Projeto

Joana Gaudêncio Matos
Sandra Pereira Antunes
Teresa Matos Pereira

| Escola Superior de Educação do Politécnico de Lisboa

Equipa de Investigação

Joana Gaudêncio Matos
Sandra Pereira Antunes
Teresa Matos Pereira

| Escola Superior de Educação do Politécnico de Lisboa

Participantes

As crianças do Pré-Escolar e do 1ºCiclo do Ensino Básico,
seus Familiares e Encarregados de educação

| Escola Básica de 1º Ciclo do Ensino Básico Fernando Pessoa

Grupo das Concertinas

| Associação Cultural e Recreativa Bairros Maroitas e Cachoeiras

Parceiros

| Escola Básica de 1º CEB Fernando Pessoa, Bairro da Portela
de Azóia

| Associação Cultural e Recreativa Bairros Maroitas
e Cachoeiras

| Galeria Municipal do Castelo de Pirescouxe

| Câmara Municipal de Loures

| União das freguesias de Santa Iria de Azóia, São João da
Talha e Bobadela

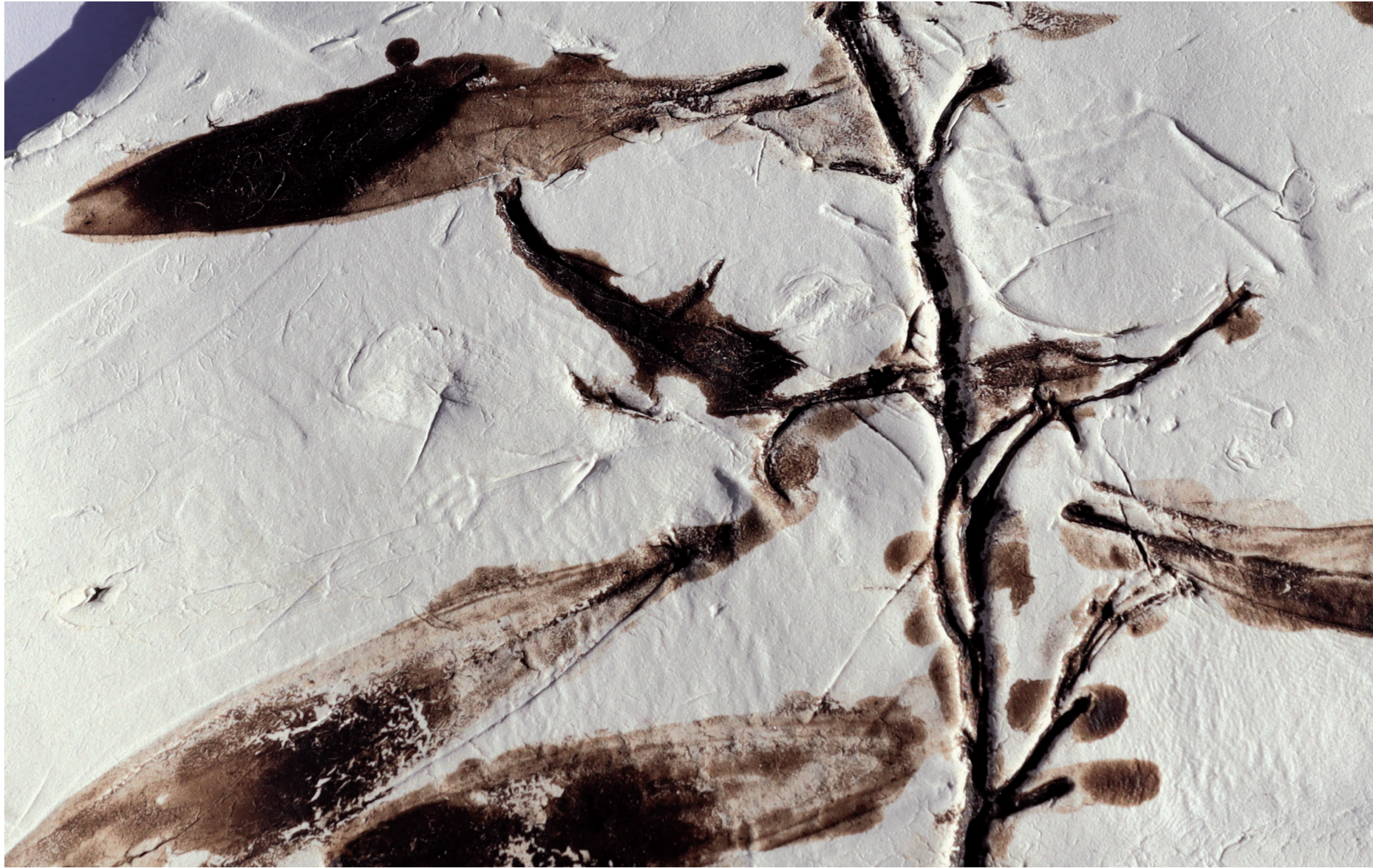
| Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação





Conteúdos

- 11** Apresentação
- 13** Mapas Visíveis e Mapas Tangíveis
- 19** Construir um Arquivo Poético
- 29** Mapa Intangível





Apresentação

MAPAS DA MEMÓRIA foi a designação encontrada para enquadrar uma abordagem transversal a diferentes práticas artísticas no âmbito das artes visuais que, no seu conjunto, possibilitam dar-se início a um arquivo poético capaz de reunir modos de perceber e expressar representações sobre o território, os diversos trânsitos, deslocamentos, espaços-tempos e infâncias.

O projeto, desenvolvido por uma equipa de professoras da Escola Superior de Educação do Politécnico de Lisboa, no âmbito do Plano de Resolução e Resiliência - Comunidades em Ação e para a OIL SSB - inscreveu-se em dois territórios da União de Freguesias de Santa Iria da Azóia, S. João da Talha e Bobadela: os Bairros de Maroitas e Cachoeiras e o Bairro da Portela de Azóia.





Mapas Visíveis e Mapas Tangíveis

Mapa: representação gráfica, desenhada à escala e geralmente numa superfície plana, das características geográficas, geológicas ou geopolíticas de uma área da Terra ou de qualquer outro corpo celeste (Enciclopédia *Britannica*)...

Mapear ou cartografar convoca, em primeiro lugar um (re)conhecimento do espaço através de formas de representação que permitam analisar, compreender e comunicar visualmente um conjunto de informações acerca de um determinado território.

Constituindo-se deste modo como representações do mundo, os mapas traduzem construções sociais, culturais, ideológicas, evidenciando relações de poder, vivências e/ou a ação do homem sobre o espaço físico ao longo do tempo.

Os mapas sedimentam um espaço e um tempo.

Deste modo, os mapas não são entidades fixas, mas registos mutáveis e contingentes.

Cartografar subentende uma processualidade e integra uma dimensão relacional. Cartografar é também um ato cultural (Vasconcelos, 2019), não se esgota no suporte físico (o mapa) e supõe uma indeterminação, uma incompletude, uma procura de termos e referências comuns (Abrams & Hall, 2006).

O mapa codifica visualmente e deste modo oferece uma imagem para a morfologia do território e a sua transformação.

Mapear é também construir uma narrativa sobre o espaço e sobre o tempo. Mapear convoca a memória dos lugares e dos acontecimentos, a experiência individual e coletiva do território.

As cartografias construídas sobre as vivências dos lugares transformam-se em mapas afetivos que, assumindo uma dimensão multissensorial, ultrapassam a mera visualidade, abrindo-se aos sons, aos cheiros, às texturas...

As cartografias comportam uma psicogeografia (Debord, 1958). Constituem-se, simultaneamente, mapas sensíveis e mapas poéticos.





A psicogeografia dos lugares habitados e vividos pelos indivíduos e pelas comunidades por eles compostas, integra esta cartografia sensível e afetiva que o projeto MAPAS DA MEMÓRIA procurou introduzir.

A lembrança do lugar é filtrada pela memória sob a forma de um simulacro imagético. A imagem, sob a forma gráfica ou verbal, confere uma ordem aos *loci*¹ da memória do território.

A vivência dos lugares supõe o fortalecimento diário de uma apropriação, pelo corpo do indivíduo como um todo, de uma parcela de espaço vital (Santos & Gonçalves, 2017). Esta apropriação e a experiência do espaço que lhe dá forma, é significada através das relações humanas que ali se desenvolvem, considerando: os elementos naturais ou artificiais que o povoam, os sons que ali se produzem, os odores que exalam, as diferentes texturas que exibem, as marcas da passagem de outros indivíduos/corpos,... elementos e referências que se transformam em atributos de identidade e estímulos à rememoração.

Ruas, praças, árvores, espaços escolares, arquivos, integram o vasto conceito de lugares de memória (Nora, 1986) os quais podem ter uma existência material ou imaterial.

Evocar as lembranças de uma árvore, propagar e repetir uma melodia musical, são atos que propõem uma narrativa cartográfica, já que remetem para um tempo e um espaço vivenciados.

As árvores como entes que definem tempos e lugares de brincadeira, de repouso, ou o som da concertina como traços de um mapa imaterial de lugares de identidade ou de origem, constituíram-se como eixos simbólicos que introduziram formas de mapeamento e recolha capazes de perfazer ligações espaço-temporais entre passado, presente e futuro.

A recolha de imagens, sons, testemunhos, texturas, silhuetas e a sua organização, perfazem um arquivo que é simultaneamente material, narrativo e metafórico (Foster, 2004), mas também relacional, já que resulta de uma interação deliberada de construir memória (Merewether, 2006).

¹*Loci* (nom. pl. do latim *locus*). Locais, lugares.



O mapa e o arquivo assumiram-se, no projeto MAPAS DA MEMÓRIA, como metáforas que permitiram avançar com diferentes aproximações a territórios que, constituindo-se como zonas rurais, foram gradualmente transformados em núcleos urbanos, através de construção clandestina e que perfazem áreas urbanas de gênese ilegal (AUGI).

Através destas metáforas foram realizadas atividades de recolha de testemunhos, de imagens, de sons, texturas, vestígios, ... englobando, no total, um grupo de 107 crianças e 53 adultos. Desta participação resultou um arquivo poético que nos dá nota de trânsitos, percepções, memórias, modos de estar, modos de aprender e modos de sentir.

Referências:

- Abrams, J. & Hall, P. (eds.), (2006). *Else / where : mapping : new cartographies of networks and territories*. University of Minnesota
- Debord, G. (1958). Definitions. *Internationale Situationniste. Bulletin central édité par les sections de l'Internationale situationniste*, 1. <http://debordiana.chez.com/francais/is1.htm>
- Foster, H.(2004). An Archival Impulse. *October*, 110, 3-22. https://monoskop.org/images/6/6b/Foster_Hal_2004_An_Archival_Impulse.pdf
- Merewether, C. (2006). *The Archive*. The MIT Press.
- Nora, P. (1986). *Les Lieux de Mémoire*. Gallimard.
- Santos, D., C. & Gonçalves, C., C. (2017). Sobre memórias e lugares: a cartografia afetiva na obra Fim, de Fernanda Torres. *Mediação*, 12, 2, 117-129.
- Vasconcelos, M. (2019). *Práticas cartográficas na arte e a representação de territórios através do grupo Rimini Protokoll*. https://www.researchgate.net/publication/338924917_Praticas_cartograficas_na_arte_e_a_representacao_de_territorios_atraves_do_grupo_Rimini_Protokoll



Trata-se da mesma árvore.
Também eu andei na Fernando Pessoa.
Tenho memórias felizes a brincar na
oliveira da escola e quando vejo os meus filhos
a brincar debaixo dela, recordo-me de muitos
momentos alegres e sinto-me ainda mais feliz por
eles poderem criar as suas memórias com ela.

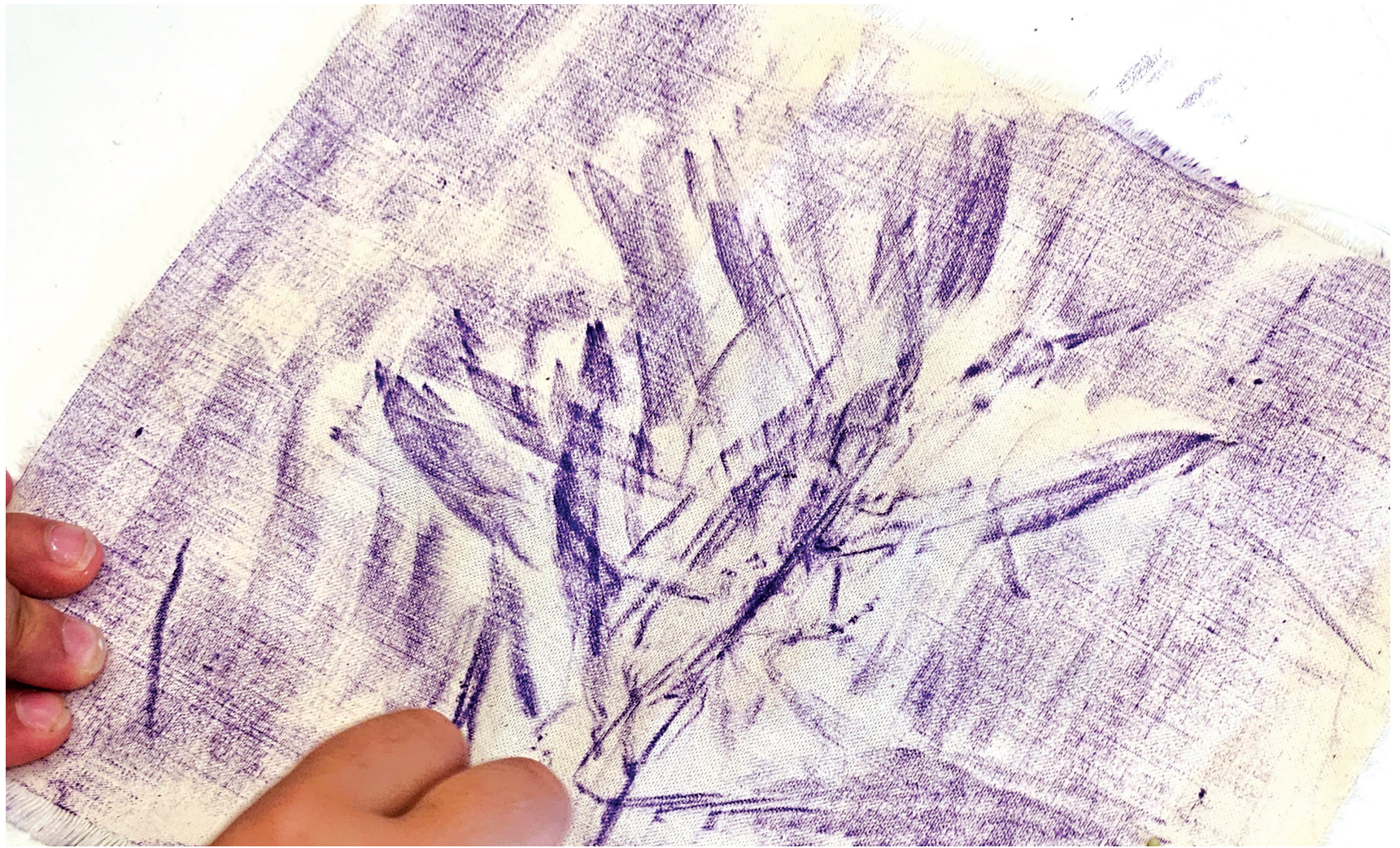




a square l durat

Santa

Galien dade



À sombra dos Pinheiros mansos,
apanhávamos pinhões para comer, brincávamos
a construir casinhas com cascas e agulhas de
Pinheiro. O avô montou um baloiço no Pinheiro
para nós.

A mangueira faz parte da minha
Infância onde eu passava mais tempo a
Comer da sua fruta (mamão).

A minha escola era montada de mangueira,
enquanto a Professora ensinava Ciências, Matemática
e o resto da escola.

A árvore que acompanhou a infância
da minha Mãe é a imbuendeira, ou Babá,
fazer com Angélica e é usada para medicina.



Construir um Arquivo Poético

A oliveira centenária do pátio da escola ergue-se como um *axis mundi*¹ do espaço da escola.

A oliveira é centro agregador, ponto de convergência, lugar de encontro.

Testemunha do passar do tempo e das transformações daquele território, outrora povoado por árvores que deram lugar a casas e ruas, terra arável que cedeu espaço ao betão e ao asfalto, a oliveira permanece, agora como uma parceira de brincadeiras e descobertas.

A oliveira assinala um lugar de afeto e também de memória. Para L.M., que frequentou a mesma escola, esta oliveira era o seu “lugar no mundo”. Recordada por outros pais como um símbolo de momentos felizes passados na infância, a oliveira preserva na sua materialidade esses fragmentos de tempo e permite, no presente, a criação de memórias por parte dos seus filhos, também ali estudantes.

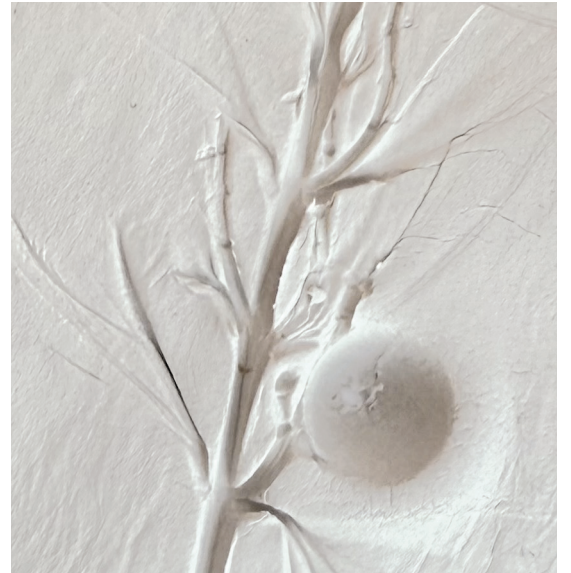
“... A árvore da minha escola”

foi o mote lançado pelo projeto para uma partilha de memórias entre familiares e crianças. Desta partilha resultaram 41 testemunhos que, elegendo ainda além da oliveira outras árvore-de-memória, estenderam-se a espécies como: a figueira, a borracheira, o cedro, o plátano, a árvore da fruta-pão, a mangueira, o imbondeiro, a azinheira, o pinheiro, a cerejeira, a nespereira e o castanheiro. Árvores que traçam uma geografia da memória alargada a diferentes continentes.

Da leitura dos testemunhos reunidos, a oliveira da escola é descrita como um ponto de reunião e um lugar para brincadeiras, para a leitura de histórias, um espaço de esconderijo, um lar para pássaros e abelhas e um local onde poderia construir-se uma casa “para brincar”. Antropomorfizada e personificada como uma “amiga”, a oliveira centenária recebe os abraços das crianças e o seu zelo. Quando é necessário, em dias de calor, há que regá-la, para que dos seus frutos seja possível produzir o azeite.

¹ *Axis Mundi* significa em latim, “eixo do mundo”. Em muitas culturas e religiões este centro do universo é simbolizado por uma árvore.







Através de *workshops* realizados com as crianças de todas as turmas da Escola Básica Fernando Pessoa, foi iniciado um levantamento de texturas do tronco, das raízes, dos ramos e dos frutos da oliveira.

Com as crianças de pré-escolar e do 1º ano de escolaridade, recorremos às técnicas da *frottage* (utilizando lápis de cera sobre pano crú) e da impressão de relevos sobre placas de pasta de moldar (posteriormente acentuados a pincel, através de uma aguada de *vieux-chêne*). Associando uma exploração simultaneamente visual e plástica dos elementos naturais, esta prática permitiu o desenvolvimento de um outro olhar sobre a árvore, a partir de uma prática artística que envolveu a relação direta com os elementos naturais e com os instrumentos, materiais de desenho e de modelação, prefigurando modos de pensar com as mãos e com o corpo.







Com as turmas de 2º, 3º e 4º anos de escolaridade, foram desenvolvidas outras técnicas de impressão, preconizadas pela utilização de dispositivos tais como as placas de gel ou a prensa de rolos, que assumiram um papel de mediação no fazer da imagem.

Alargando-se a outros elementos naturais além da oliveira, os trabalhos que resultaram dos *workshops* com estas turmas destacam-se pela construção de múltiplos da mesma composição, caracterizados pelo jogo entre positivo/negativo, entre o uso da cor e o preto/branco, a tradução gráfica de formas tridimensionais e de texturas.

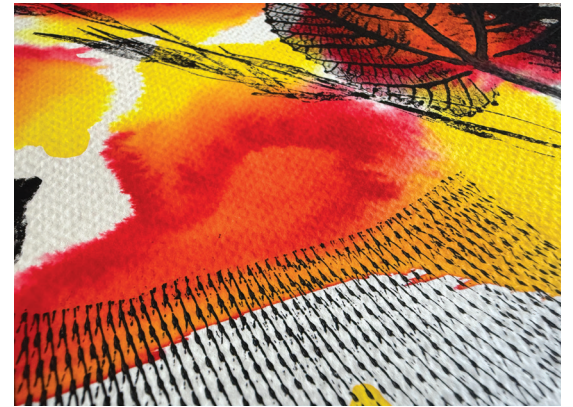






A escolha deste elenco de técnicas associadas à impressão, assumiu uma dupla intencionalidade, quer de ordem funcional quer de ordem poética/estética. Por um lado, as abordagens escolhidas permitiram que todas as crianças conseguissem alcançar resultados com êxito, e por outro lado, que estes resultados se constituíssem como materialidades simbólicas e fragmentárias de um espaço que em breve deixará de cumprir as funções de escola básica de 1º ciclo.





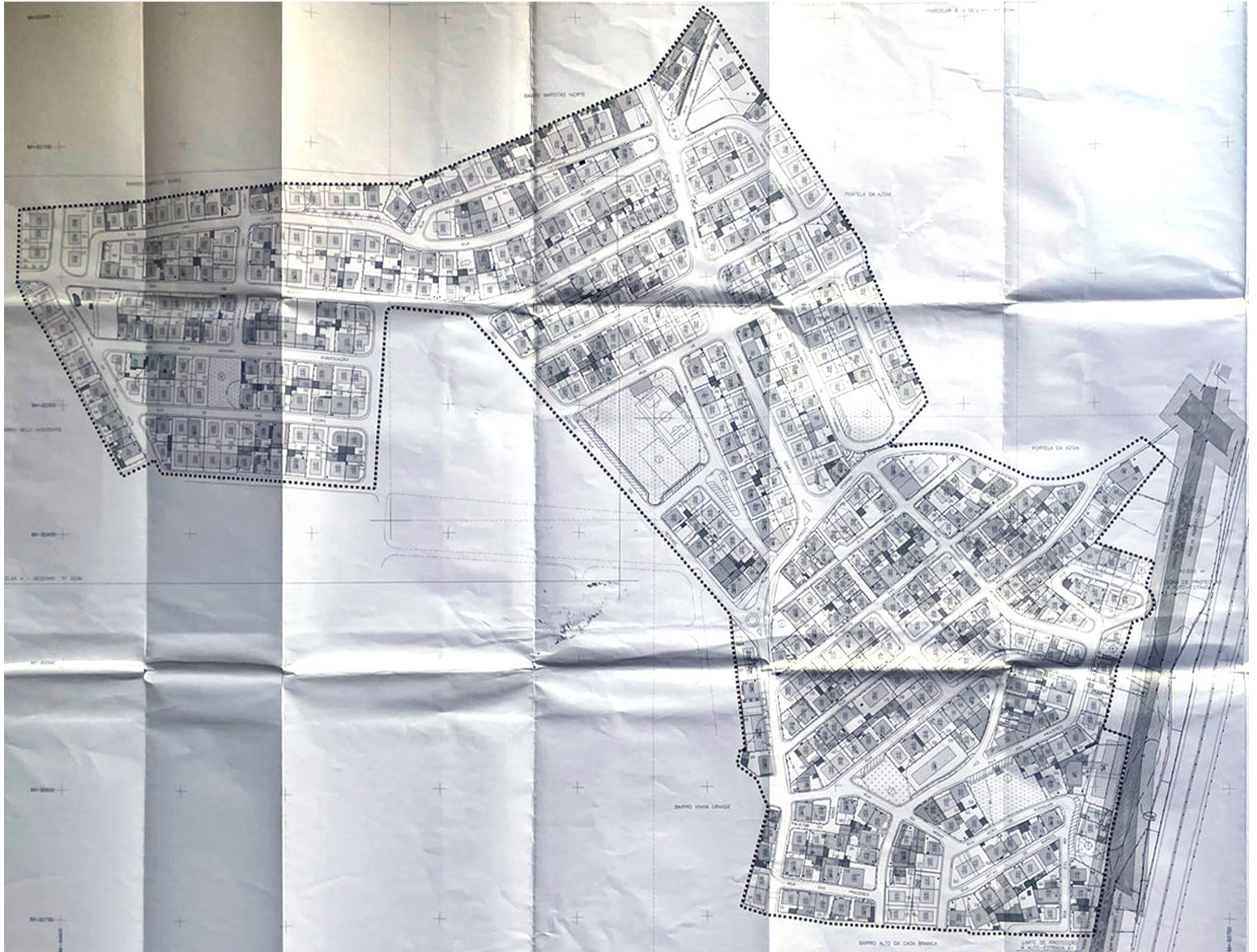


Cada trabalho realizado remete para um registo material de realidades em constante transformação, para um vestígio de um espaço-tempo experienciado de vivências escolares.

A criação de painéis coletivos a partir de organização dos trabalhos realizados por cada criança, com vista a integrar as novas instalações escolares (ainda em construção, aquando da realização dos *workshops*) permite transpor fragmentos da memória da antiga escola para a nova e humanizar o espaço, tornando-o num lugar de aprender que salvaguarda estas reminiscências de outro tempo-espaço.

O conjunto dos trabalhos gráficos e plásticos, das perceções e memórias partilhadas através de pequenos textos ou expressões verbais, constituem-se, enfim, como um arquivo poético que, ainda que fragmentado, reúne e organiza a diversidade num corpo coerente, quer numa perspetiva da visualidade quer numa perspetiva da discursividade.







Mapa Intangível

Os sons, gestualidades, modos de estar e modos de dizer, prefiguram trânsitos, permanências e identidades.

Desse modo desenham mapas imateriais, afetivos, identitários,... Psicogeografias que associam tempos, espaços, imaginários e memórias diversos.

Os sons da concertina evocam geografias que se situam a norte do Tejo.

Aludem ainda, estes sons, a um espaço-tempo transfigurado pela celebração de uma ruralidade idealizada, que associou sonoridades, gestos e palavras a uma imagem de tradição popular folclorizada.

Fluxos migratórios internos, do interior norte e centro do país para a periferia da capital, perpetrados a partir do final da década de 1950 e sobretudo na década de 1960, estão na origem do alargamento de zonas peri-urbanas, que acolheram uma população que acompanhou o crescimento da cintura industrial de Lisboa.

As sonoridades ou as plantas cultivadas em jardins e quintais assinalam ainda simbolicamente esses trânsitos e essas trajetórias.

O levantamento audiovisual realizado na Associação Cultural e Recreativa Bairros Maroitas e Cachoeiras, a partir dos ensaios do grupo de tocadores de concertinas, mas também de conversas informais e entrevistas, remete-nos para esse trânsito de pessoas que, movidas pelo trabalho, foram-se fixando num território urbano e ali autoconstruindo as primeiras habitações.

A gestualidade, a organização espacial e o repertório musical escolhidos, entrecem um mapa intangível, imaterial, que a partir do território urbano evoca espaços-tempos idealizados e coloridos com as tonalidades da autenticidade popular.





